

Turismo literário camiliano na cidade do Porto

Camilo Castelo Branco **literary tourism** in Porto city

MANUEL DE SOUSA * [manuel.sousa@ua.pt]

MARIA EUGÉNIA PEREIRA ** [epereira@ua.pt]

Resumo | Apesar de não ter nascido no Porto, o escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890) passou grande parte da sua vida nesta cidade, usando-a como espaço de muitos dos seus romances. Numa vertente direcionada ao turismo cultural, este artigo centra-se na sugestão de um itinerário literário, tendo como tema central Camilo e o Porto. Para isso, procedeu-se ao levantamento dos locais mais significativos da permanência do escritor na cidade, ligados a aspetos marcantes da sua vida e obra, para a proposta de um itinerário. Com este artigo, pretende-se demonstrar a potencialidade do turismo literário no desenvolvimento da oferta turística da cidade do Porto.

Palavras-chave | Turismo literário, cidade do Porto, Camilo Castelo Branco, itinerário literário

Abstract | The writer Camilo Castelo Branco (1825-1890) was not born in Porto, but it was in this city that he lived most of his life, using it as the setting for many of his novels. Within the scope of cultural tourism, this article suggests a literary itinerary, having Camilo and Porto as its central theme. This itinerary was created by connecting the most significant places attended by him, with relevant aspects of his life and work. With this article, we expect to demonstrate the potential of literary tourism to the development of the tourism supply available in Porto.

Keywords | Literary tourism, Porto, Camilo Castelo Branco, literary itinerary

* **Doutorando em Turismo** pela Universidade de Aveiro.

** **Doutora em Literatura e Professora Auxiliar** da Universidade de Aveiro.

1. Introdução

O turismo cultural tem hoje um importante peso no setor do turismo, sendo responsável por quase 40% de todas as chegadas turísticas internacionais (UNWTO, 2018). Para além do inegável impacto económico nos locais visitados, o turismo cultural contribui para atenuar a sazonalidade (Cisneros-Martínez & Fernández-Morales, 2015), atrair turistas com um nível de formação superior (Herbert, 2001) e com maior poder de compra (Richards, 2018), para além de ajudar a preservar o património cultural e histórico, reforçar a identidade local e melhorar o entendimento entre os povos (Hinsberg et al., 2003).

Partindo de um enfoque centrado nos monumentos e sítios históricos, o turismo cultural foi alargando o seu âmbito, passando a abranger elementos intangíveis, o que deu origem a novos segmentos, entre os quais se encontra o turismo literário (UNWTO, 2018).

Apesar de ser uma tipologia ainda pouco explorada do turismo cultural, o turismo literário encerra um grande potencial na divulgação do património imaterial das regiões visitadas, para além de não ser replicável noutros locais, respondendo à procura de experiências únicas por parte dos turistas. O turismo literário procura ir ao encontro do ensejo dos turistas que buscam vivenciar os sentimentos e as emoções gerados pelos textos literários, através da visita aos lugares e às paisagens que fizeram parte da vida dos escritores, os inspiraram ou se tornaram cenários das suas obras (Coutinho & Faria, 2018).

Tendo por tema a vida e a obra do escritor Camilo Castelo Branco (1825-1890), este artigo pretende apresentar um novo produto turístico no âmbito do turismo literário: um itinerário literário na cidade do Porto.

São apresentadas diferentes definições e conceções de turismo, turismo cultural e turismo literário, bem como de itinerário literário. Após uma

breve descrição da vida e obra do autor, onde é dada especial atenção à sua relação com o Porto, propõem-se um itinerário literário que consiste na passagem por sete pontos diferentes da cidade.

Na conceção do itinerário literário, foram seguidas as fases de preparação propostas por Peireiro (2002), segundo as quais o conhecimento do contexto sociocultural do território e dos recursos endógenos existentes, precede e condiciona a definição do tema do itinerário. Por conseguinte, feita uma vasta pesquisa bibliográfica relacionada com a vida e a obra de Camilo Castelo Branco, procedeu-se à inventariação dos locais da cidade do Porto que tiveram uma relação direta com a sua vida e/ou inspiraram personagens e enredos da sua vasta obra literária.

Sendo um itinerário “um percurso unindo pontos de interesse turístico de um caminho” (Figueira, 2013, p. 83), os locais inventariados foram seguidamente ligados, de forma a criar um circuito que pudesse ser percorrido a pé. Por fim, seguindo o exemplo de Ferreira et al. (2012), depois de elaborado no papel, o itinerário foi sujeito a um teste no terreno, com um grupo restrito de pessoas, para aferir da sua exequibilidade prática.

2. Turismo e turismo cultural

Pela definição da Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo é “um fenómeno social, cultural e económico relacionado com o movimento de pessoas para lugares fora da sua residência habitual, tendo o prazer como motivação habitual”. Trata-se, portanto, de uma atividade com “impacto na economia, no ambiente natural e construído, na população local dos locais visitados e nos próprios visitantes”¹ (United Nations, 2010, p. 1).

Tendo-se tornado num dos setores económicos mais dinâmicos e diversificados do mundo – em

¹Traduzido pelos autores.

2019, o número de turistas internacionais atingiu os 1,5 mil milhões de pessoas (UNWTO, 2020) –, o turismo tem, na sua origem, uma forte componente cultural. Basta recordar que o *Grand Tour*, considerado uma parte essencial da educação do *gentleman* europeu dos séculos XVIII e XIX, privilegiava a contemplação e o estudo da arte e da arquitetura clássicas, assim como o contacto com outros povos e culturas (Page, 2014; Walton, 2005).

No entanto, o turismo, enquanto fenómeno social, só emergiu no período pós-Segunda Guerra Mundial. O aumento do nível de vida e do consumo na Europa, durante as décadas de 1960 e 1970, foi acompanhado por um desenvolvimento extraordinário das viagens internacionais. Ao ponto de, nos anos 80 do século XX, os governos começarem a preocupar-se com os efeitos negativos do turismo de massas orientado para o sol e mar (Richards, 1996).

Pela mesma altura, vai também despontando um fluxo de turistas internacionais, interessado nos grandes monumentos históricos. Daí a necessidade da criação de um conceito específico, o de “turismo cultural”, para identificar este nicho emergente de turistas. O crescimento do turismo cultural, especialmente a partir da década de 90 do século passado, foi também impulsionado pelo *heritage boom* e por uma certa obsessão coletiva pelo passado (Hewison, 1987). O turismo cultural foi, também, encarado como uma forma benévola de turismo, já que estimulava a economia e ajudava a preservar a cultura (Richards, 2001).

Criado em 1991, pela European Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), o Projeto de Investigação do Turismo Cultural chegou às seguintes definições de turismo cultural:

Definição conceptual: o movimento de pessoas para atrações culturais fora dos seus locais habituais de residência, com a intenção de recolher nova infor-

mação e experiências para satisfazer as suas necessidades culturais.

Definição técnica: toda a movimentação de pessoas para atrações culturais específicas, tais como sítios históricos e manifestações artísticas e culturais, fora dos seus locais habituais de residência. (traduzido pelos autores) (Richards, 1996, p. 24)

Na mesma linha, Silberberg definia o turismo cultural como “a visita de pessoas de fora da comunidade de acolhimento motivada, totalmente ou em parte, pelo interesse nas ofertas históricas, artísticas, científicas ou de estilo de vida e património de uma comunidade”² (1995, p. 361). Por sua vez, McKercher e Du Cros (2003) definiam turismo cultural como o consumo turístico de atrações classificadas como culturais, conforme as definições de património cultural da International Commission on Monuments and Sites (ICOMOS, 1999).

A procura turística por *short breaks* (Gratton & Richards, 1996) contribuiu para o desenvolvimento de um mercado de férias urbanas de curta duração na Europa, com forte incidência cultural. Ao mesmo tempo, assistiu-se a uma massificação do turismo cultural, de tal modo que, em muitos destinos, este passou a assumir-se como o nicho preponderante de turismo (Richards, 2018). Este crescimento contínuo levou a novos desafios, nomeadamente em saber como lidar com a sobrelotação de certos locais Património da Humanidade e com fenómenos extremos de *overtourism* (García-Hernández et al., 2017).

Em 2018, através de um amplo inquérito internacional, a OMT concluiu que o turismo cultural era responsável por mais de 39% de todas as chegadas turísticas internacionais, equivalendo a 516 milhões de viagens internacionais, em 2017. A OMT definiu, assim, o turismo cultural:

O turismo cultural é um tipo de atividade turística na qual a motivação

²Traduzido pelos autores

essencial do visitante é aprender, descobrir, experimentar e consumir atrações/produtos culturais, materiais e imateriais, de um destino turístico.

Estas atrações/produtos referem-se a um conjunto de elementos materiais, intelectuais, espirituais e emocionais distintos de uma sociedade, englobando as artes e a arquitetura, o património histórico e cultural, o património gastronómico, a literatura, a música, as indústrias criativas e as culturas vivas com os seus estilos de vida, sistemas de valores, crenças e tradições. (traduzido pelos autores) (UNWTO, 2018, p. 30)

Esta definição passou a consagrar a natureza mais ampla do turismo cultural contemporâneo, já não apenas centrada nos monumentos e nos locais históricos, mas aberta aos estilos de vida, à criatividade e à cultura do dia a dia. É precisamente nestas novas abordagens do turismo cultural que se filiam subsectores emergentes, tais como o turismo gastronómico, o turismo cinematográfico ou o turismo literário.

3. Turismo literário

O turismo literário é um nicho do turismo cultural, com contributos do turismo criativo – já que se baseia numa arte criativa, a literatura – e do turismo patrimonial – porque muitos dos lugares literários são património, por vezes, pela sua associação à literatura (Hoppen, 2011; Quinteiro & Baleiro, 2017). Neste nicho, a literatura é o fator impulsionador da viagem, que se torna o “guia para roteiros turísticos, na medida em que oferece um mapeamento de espaços e bens simbólicos, trazidos à cena através de patrimónios (material e imaterial) que configuram o perfil identitário de

um lugar a ser visitado” (Simões, 2004, p. 1).

Nos últimos anos, assistimos a uma expansão progressiva do turismo literário, patente na proliferação de festivais literários (Liberato et al., 2021), no aumento do número de blogues e páginas da Internet dedicados ao tema, na publicação de guias literários, na atração crescente dos meios de comunicação por este tipo de turismo e no aparecimento de um turismo literário induzido pelo cinema (Busby & Klug, 2001). De facto, entre o conjunto bastante alargado de produtos e experiências literárias atualmente disponibilizadas, podemos encontrar: viagens a locais onde viveram escritores ou onde decorrem os enredos de obras, viagens para participar em festivais literários, visitas a bibliotecas e livrarias (o chamado *bookstore tourism*), visitas a parques literários, estadas em hotéis literários, visitas a cidades literárias classificadas pela UNESCO, participação em tertúlias, encenações dramáticas de textos literários, sessões de leitura e jantares literários (Quinteiro & Baleiro, 2017).

3.1. Itinerários literários e a cidade do Porto

Na sua *Carta dos itinerários culturais*, o ICOMOS define-os como “qualquer via de comunicação [...] que seja fisicamente delimitada e caracterizada por ter a sua dinâmica específica e funcionalidade histórica, servindo um propósito específico e bem determinado” (ICOMOS, 2008, p. 3). Os critérios de criação de um itinerário devem atender aos valores culturais, à memória histórica, ao património cultural e às identidades de um território. Assim, o itinerário literário:

[...] numa perspetiva mais concreta, privilegia os lugares e os eventos dos textos ficcionados, bem como a vida dos seus autores e tem como palco a promoção de locais onde há uma ligação direta entre a sua produção li-

terária e artística e os turistas que as visitam. [...] De uma forma mais literária, podemos dizer que o visitante pode respirar o mesmo ar, percorrer o mesmo caminho e ver a mesma paisagem que os olhos do escritor em tempos longínquos. (Mendes, 2007, pp. 87–88)

Apesar de ser um fenómeno relativamente recente, já existem diversos itinerários criados em vários países. No Reino Unido, empresas como a British Tours (2020) e a Literary Traveler (2020) organizam itinerários em torno da literatura, tais como: *Charles Dickens literary tour*, *Shakespeare country tour* e *Harry Potter tour in London & Oxford*. Em França, entidades como a Fédération des Maisons d'Écrivains & des Patrimoines Littéraires (2020), disponibilizam vários circuitos literários, entre os quais: *Circuits Jules Verne à Nantes et à Amiens*, *Promenades littéraires Albert Camus et Henri Bosco* e *Route touristique Stendhal*. Na página oficial do Turismo de Paris (Office du Tourisme et des Congrès de Paris, 2021) surgem, como propostas, as visitas guiadas *Lire et partir*, que seguem os passos de escritores como Balzac, Sartre ou Hemingway pelas ruas de Paris.

Em Portugal, para além dos guias e roteiros literários que têm vindo a ser publicados (Almeida, 1997; Azevedo & Braga, 1994; Carmelo, 2014; Correia Filho, 2011; Lucas & Alexandrino, 2000; Matos, 1999; Oliveira & Castro, 2015; Rocha et al., 2019; Silva, 2017), também várias câmaras municipais, fundações e estabelecimentos de ensino superior têm organizado, com certa regularidade, itinerários literários. Em Lisboa, empresas como a Lisboa Autêntica (2020) e a Lisbon Literary Tours (2020) oferecem: *Lisboa de Antero de Quental e da Geração de 70*, *Belém e os Lusíadas*, *Lisboa de Pessoa* e *Lisboa queirosiana*. No Porto, o Bairro dos Livros (2019), em colaboração com a Gbliss (2020), disponibiliza itinerários a pé pela cidade, como *Potterheads Porto tours* e *Porto, ci-*

dade literária.

No âmbito específico do escritor Camilo Castelo Branco, a Câmara Municipal de Famalicão (2021) disponibiliza uma *Rota camiliana* que integra a Casa de Camilo e um trilho pedonal nas freguesias de Seide e de Landim.

Por contraste, o itinerário que agora se propõem pretende ser um outro olhar camiliano, restrito à cidade do Porto.

O Porto é um destino com um grande potencial para o turismo literário. De facto, nasceram, morreram ou passaram pela cidade vultos literários como Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Arnaldo Gama, Eça de Queirós, Júlio Dinis, António Nobre, Antero de Quental, Sampaio Bruno, Soares de Passos, Ramalho Ortigão, Tomás António Gonzaga, Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Agustina Bessa-Luís, Manuel António Pina, J. K. Rowling, entre outros. Oliveira (2017) nota que, de um total de 2.040 arruamentos existentes na cidade do Porto, 123 têm nomes de escritores, enquanto que os engenheiros dão nome a apenas 47 ruas e os arquitetos a 26. Recentemente, a presença literária na toponímia local foi ainda mais reforçada, com a Câmara do Porto a atribuir nomes de escritores e poetas marcantes para a cidade a mais quinze arruamentos (Porto.pt, 2020).

4. Camilo Castelo Branco e a cidade do Porto como palco

Entre todos os escritores que deixaram a sua marca no Porto, destaca-se Camilo Castelo Branco.

Natural de Lisboa, onde viveu até aos dez anos, é com o Porto que Camilo Castelo Branco identificará a sua obra. Da cidade, ou da região que ela controla, saem os personagens, os qua-

dros sociais, os costumes e as novidades das novelas camilianas [...] A sua postura irreverente, na vida como na produção literária, granjeia-lhe popularidade, mas também inimigos, principalmente entre as elites portuenses que retrata. (Pereira, 2017, p. 23)

Para além de ter vivido parte significativa da sua vida no Porto, muita da produção literária de Camilo tem esta cidade como palco principal da ação, nomeadamente: *Amor de perdição* (1862), *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* (1863), *Boémia do espírito* (1886), *Os brilhantes do brasileiro* (1869), *A bruxa do Monte Córdova* (1867), *Cancioneiro alegre* (1887), *Cavar em ruínas* (1867), *Cenas da Foz* (1857), *A doida do Candal* (1867), *Duas horas de leitura* (1857), *Eusébio Macário* (1879), *A filha do doutor negro* (1864), *O general Carlos Ribeiro* (1884), *Maria da Fonte* (1885), *Memórias do cárcere* (1862), *No Bom Jesus do Monte* (1864), *Noites de insónia* (1874), *Onde está a felicidade?* (1856), *Serões de São Miguel de Seide* (1885), *Um homem de brios* (1856), *O vinho do Porto* (1884) e *Vinte horas de liteira* (1864). Nestas obras podemos percorrer toda a cidade de então – a que hoje chamamos Centro Histórico e Baixa –, bem como o que, à época, eram os arredores: Campanhã, Foz do Douro, Lordelo do Ouro, etc. (Silva, 2017).

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco nasceu no Bairro Alto, em Lisboa, a 16 de março de 1825. Órfão de mãe, aos dois anos, e de pai, aos dez, passou a viver em Vila Real com a tia paterna e a irmã mais velha (Pereira, 2017). Com apenas dezanove anos, casou com Joaquina Pereira de França, de quinze, com quem teve uma filha. Mas rapidamente abandonou ambas, que viriam a falecer pouco tempo depois.

Instalou-se no Porto, em 1843, e matriculou-

se na Academia Politécnica e na Escola Médico-Cirúrgica, morando na Rua Escura, muito próximo da Sé, “no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um beco fétido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viela dos Pelames” (Castelo Branco, 1884, p. 49). Entregando-se à vida boémia, Camilo encenou um duelo com um colega de curso na Torre da Marca³, levando à intervenção das autoridades. Reprovou e, em 1845, acabou por abandonar o curso de Medicina, publicando os seus primeiros poemas (Cabral, 1988). Após uma breve passagem por Coimbra, conseguiu um emprego no Governo Civil de Vila Real. Conheceu Patrícia Emília de Barros, mas foi obrigado a fugir de Vila Real por ter publicado artigos contra o governador civil (Daniel, 2018). De regresso ao Porto, Camilo iniciou-se na profissão de jornalista, mas foi acusado de rapto e desvio de dinheiro. Camilo e Patrícia, que viviam maritalmente, acabaram por ser presos na Cadeia da Relação do Porto. Desta ligação resultou o nascimento de Bernardina Amélia, em 1848 (Oliveira & Castro, 2015). Entretanto, Camilo publicou a narrativa *Maria! Não me mates que sou tua mãe!*, do género literatura de cordel, que obteve grande sucesso comercial, sendo várias vezes reeditado (Pereira, 2017).

Conheceu Ana Augusta Plácido – casada com Manuel Pinheiro Alves, *brasileiro de torna-viagem*⁴, 24 anos mais velho do que ela (Flores, 2015) – com quem iniciou uma relação amorosa. O caso escandalizou a sociedade portuense, já que Ana Plácido era cunhada de Bernardo Ferreira, filho da famosa Ferreirinha da Régua, e Pinheiro Alves era um capitalista muito respeitado na cidade. Camilo passou por dificuldades e viu os seus textos serem recusados pelos jornais do Porto. Tentou obter um emprego fixo – nomeadamente como bibliotecário, na Biblioteca Pública Municipal do Porto (DGLAB, 2005), e como professor, na Academia Politécnica –, mas sem sucesso (Cabral, 1988).

³Local onde atualmente estão os jardins do Palácio de Cristal.

⁴Designação dada aos portugueses emigrados no Brasil que regressavam, enriquecidos, à sua terra natal.

Incapaz de pôr termo ao adultério, e após Ana Plácido ter dado à luz uma criança, Manuel Plácido, presumivelmente filho de Camilo, Pinheiro Alves moveu um processo judicial contra os dois amantes, em 1860. Ambos foram encarcerados na Cadeia da Relação do Porto. Foi a segunda estada de Camilo nesta prisão, mas, desta vez, já como escritor consagrado. Recebeu a visita do rei D. Pedro V, traduziu obras de autores estrangeiros e redigiu alguns dos seus romances mais conhecidos, nomeadamente o celeberrimo *Amor de perdição* (Oliveira & Castro, 2015).

Camilo e Ana Plácido acabaram por ser absolvidos em tribunal, passando a viver juntos definitivamente. Entretanto, em 1863, nasceu o filho Jorge e faleceu Pinheiro Alves, que deixou a Manuel Plácido uma avultada herança – gerida por sua mãe, Ana Plácido – em dinheiro e diversos imóveis, nomeadamente a casa e quinta de família em São Miguel de Seide, concelho de Vila Nova de Famalicão. Após um período de permanência na Rua do Almada, o casal Camilo e Ana mudou-se para Seide, onde nasceu o terceiro filho, Nuno. Para manter a família, Camilo escrevia incessantemente, chegando a publicar seis romances por ano, para além de manter uma colaboração jornalística intensa. No entanto, começou a ressentir-se da sua doença oftálmica, que se foi agravando. As difíceis condições de subsistência e as manifestações de loucura do filho Jorge obrigaram-no, em 1871, a leiloar parte da sua biblioteca, na Rua de Santo Ildefonso, no Porto. Sucederam-se as publicações, mas também as polémicas, nas quais não conseguia deixar de se envolver. Publicou *Eusébio Macário* (1879), *A corja* (1880) e *Vulcões de lama* (1886), o seu último romance (Cabral, 1988).

Em 1885, foi feito visconde de Correia Botelho, conseguindo uma pensão vitalícia para o filho Jorge, cuja loucura, irreversível, levou a que fosse internado no Hospital do Conde de Ferreira. Camilo casou-se, finalmente, com Ana Plácido em 1888, em cerimónia civil numa casa da Rua de Santa Catarina, no Porto. Cego e desesperado, acabou por se suicidar na Quinta de São Miguel de Seide, no dia 1 de junho de 1890. Foi sepultado no cemitério da Lapa, no Porto, no jazigo do seu amigo Freitas Fortuna (Oliveira & Castro, 2015).

4.1. Camilo no Porto: um itinerário literário

Realizado um enquadramento ao turismo literário e aos itinerários já existentes, destacado o potencial existente no Porto para este género de atividades turísticas, ainda pouco desenvolvidas, e feita uma breve biografia de Camilo Castelo Branco, pondo em destaque a sua relação especial com a cidade, apresenta-se uma proposta de itinerário no mapa da figura 1.

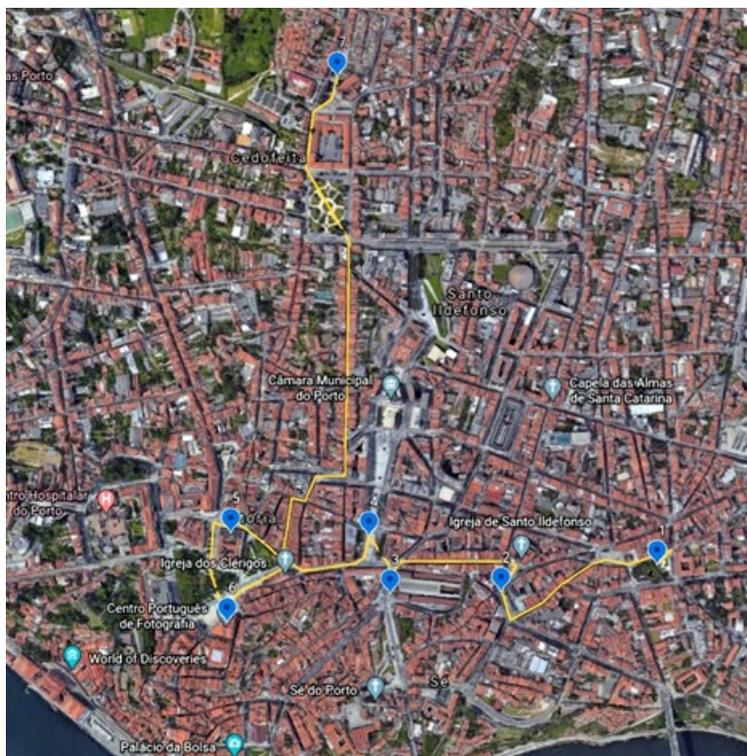


Figura 1 | Itinerário literário Camilo no Porto

Fonte: elaboração própria, com recurso ao Google Earth

Legenda: 1. Jardim de São Lázaro; 2. Praça da Batalha; 3. Estação de São Bento; 4. Praça da Liberdade; 5. Antiga Academia Politécnica; 6. Antiga Cadeia da Relação do Porto; 7. Cemitério da Lapa.

1. Jardim de São Lázaro

O itinerário camiliano pelo Porto inicia-se num jardim, frequentemente referenciado na novelística camiliana: São Lázaro. Aberto por D. Pedro IV, em pleno Cerco do Porto, foi o primeiro jardim público da cidade. Construído para compensar as mulheres da cidade pelas agruras e carências vividas durante a guerra (Ferreira, 2016), em meados do século XIX, São Lázaro era “um campo de batalhas do amor, onde não corria sangue, mas onde por vezes não faltavam lágrimas” (Bastos, 2010, p. 150). Hoje, ele é o jardim romântico do Porto, por excelência.

Em 1872, Camilo habitava o segundo andar de um prédio da Rua de São Lázaro⁵, quando D. Pedro II, imperador do Brasil, de visita ao Porto, o quis conhecer pessoalmente. O monarca começou por solicitar ao escritor que se deslocasse ao Hotel

do Louvre, onde se encontrava hospedado. Como Camilo declinou o convite, invocando problemas de saúde, foi o próprio imperador a deslocar-se até ele, visitando-o em São Lázaro. D. Pedro II impôs-lhe a Ordem da Rosa, importante ordem honorífica brasileira. Sensibilizado, Camilo mandou interromper a impressão do seu mais recente romance *A infanta capelista*, no qual criticava a Casa de Bragança, determinando a destruição de tudo o que já estivesse impresso. No entanto, a tipografia preferiu aproveitar as folhas impressas como papel de embrulho, conseguindo-se, assim, salvar seis exemplares completos. Estes são, hoje, os mais raros exemplares dos livros de Camilo (Moutinho, 2009).

Na frente nascente do Jardim de São Lázaro, fica o edifício do antigo convento de Santo António da Cidade, onde está instalada a Biblioteca Pública Municipal do Porto, fundada por D. Pe-

⁵Arruamento hoje integrado na Avenida de Rodrigues de Freitas.

dro IV, em 1833. Camilo foi frequentador assíduo da biblioteca, onde o seu amigo, Alexandre Herculano, tinha sido bibliotecário (Rocha et al., 2019). Nesse tempo, Camilo “lia crónicas de frades para estudar o milagre e a língua, e encher-se de história, de fé e de vernaculidade” (Castelo Branco, 1879, p. 498). Em 1858, Camilo concorreu aqui ao cargo de segundo bibliotecário, acabando por não ser selecionado, apesar de Alexandre Herculano se ter pronunciado publicamente a seu favor, classificando-o como “um dos escritores mais fecundos do país e, indisputavelmente, o primeiro romancista português” (Herculano citado por Braga et al., 2017, p. 41).

2. Praça da Batalha

A partir da inauguração do Teatro de São João, em 1798, a Praça da Batalha foi-se transformando num dos principais centros da boémia portuense. Nesta praça e nos arruamentos adjacentes foram-se instalando casas de espetáculos, hospedarias e hotéis, botequins e cafés (Pinto, 2007). Em 1908, o velho Real Teatro de São João⁶ viu-se reduzido a escombros, após um violento incêndio. O edifício que hoje existe, com traço do arquiteto José Marques da Silva, foi inaugurado em 1920 (Cardoso, 1997).

Quando se tratava de exprimir os seus sentimentos, o público do primitivo São João era particularmente efusivo, quer dentro quer fora da sala de espetáculos. Tornaram-se célebres as disputas entre os partidários das prima-donas Adèle Dabedille e Clara Belloni – Camilo Castelo Branco defendia acerrimamente a segunda –, que, começando com trocas de insultos, frequentemente degeneravam em cenas de pugilato entre os contendores (Moutinho, 2009).

Um pouco mais à frente, ficava o antigo Águia d’Ouro, hoje um hotel. Abriu como café, no rés do chão, em 1839. Em 1852, no primeiro andar, abriu portas uma hospedaria e, em 1899, uma con-

corrida casa de espetáculos também aí se instalou. Na hospedaria Águia d’Ouro ficavam hospedados os intelectuais e artistas de teatro, quando se deslocavam ao Porto. Para além de Camilo, outros escritores, tais como Antero de Quental, Ramalho Ortigão, e o célebre ator Taborde (Silva, 2017), também aí pernoitavam. Da mesma forma, alguns morgados durienses e transmontanos faziam parte dos habitués. Razão pela qual Camilo a chamava de “matriarca das estalagens portuenses” (Castelo Branco, 1886, p. 17), pois por ela passava muita da vida boémia local. Camilo refere-se ao Águia d’Ouro na *Maria da Fonte, Boémia do espírito e Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* (Cabral, 1988).

Longo ali, muito próximo, fica a Igreja de Santo Ildefonso, de construção setecentista. Foi neste templo que Fanny Owen e José Augusto Pinto de Magalhães casaram – por procuração –, a 5 de setembro de 1853 (Oliveira & Castro, 2015). Camilo trata dos trágicos amores de Fanny Owen e Pinto de Magalhães em *Duas horas de leitura e No Bom Jesus do Monte* (Cabral, 1988).

3. Estação de São Bento

Projetado pelo arquiteto José Marques da Silva, o edifício da estação ferroviária de São Bento foi inaugurado em 1916, ocupando o local do antigo Mosteiro de São Bento de Ave-Maria, erguido em 1518 por ordem do rei D. Manuel I, que reverteu para o Estado em 1892, imediatamente após a morte da última religiosa (Cardoso, 1997).

Camilo Castelo Branco não chegou a presenciar estes acontecimentos, pois, no seu tempo, abadesas, monjas, freiras e criadas ainda habitavam São Bento de Ave-Maria. Camilo era presença assídua nos abadessados⁷. Para os festejos, que geralmente duravam três dias, eram convidados alguns poetas da cidade que, recorrendo à sua criatividade, discorriam poeticamente sobre os motes lançados pelas monjas. O amor era o mote preferido.

⁶O título *real* foi-lhe acrescentado por D. Pedro IV, em 1834, igualando-o ao São Carlos, em Lisboa

⁷Os abadessados eram momentos de eleição da nova abadessa ou de reeleição da cessante.

Durante estes eventos, que se prolongavam pelos serões fora, vivia-se um ambiente festivo, com as criadas do convento e as monjas servindo doces e licores aos poetas (Moutinho, 2009). Foi num destes eventos, mais concretamente no que se realizou entre 21 e 24 de outubro de 1850, que Camilo terá conhecido a freira Isabel Cândida Vaz Mourão, de quem foi amante. Foi esta religiosa quem acabou por criar Bernardina Amélia, a filha de Camilo e de Patrícia de Barros (Braga et al., 2017). A vida conventual inspirou Camilo em livros como *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* (Silva, 2017).

4. Praça da Liberdade

Até 1910, este logradouro chamava-se oficialmente Praça de D. Pedro IV, embora fosse popularmente conhecido como Praça Nova (Sousa, 2017). No tempo de Camilo, o largo era fechado a norte pelo palacete setecentista de Monteiro Moreira, onde funcionava a Câmara Municipal. Era aqui o coração do Porto. No centro da praça, tal como hoje acontece, encontrava-se a estátua equestre de D. Pedro IV⁸. “Às cinco horas da manhã de hoje estava eu na Praça Nova, olhando para a estátua do imperador que ontem esteve alumado solenemente com lanternas de arraial”, relata Camilo, numa carta de 10 de junho de 1878 endereçada ao seu amigo Carlos Ramiro Coutinho (Castelo Branco citado em Braga et al., 2017, p. 33).

Sedes de jornais e de bancos, escritórios de advogados, estabelecimentos comerciais de prestígio, todos procuravam fixar-se nesta praça ou nas imediações. Era também aqui que se situava o Guichard, o café mais importante do Porto da primeira metade do século XIX (Sousa, 2017). “Foi um poiso de janotas, poetas, candidatos a escritores, *dandys*, burgueses. Todo, ou quase todo, o Porto da época por lá passou” (Silva, 2017, p. 195). Pelo *Cancioneiro alegre* ficamos a saber que era lá que Camilo se reunia com os seus companheiros;

em *Duas horas de leitura* descobrimos que foi aí que conheceu José Augusto Pinto de Magalhães, que viria a tornar-se num dos seus amigos mais íntimos. O café Guichard é, também, referido várias vezes nos *Serões de São Miguel de Seide* (Braga et al., 2017).

No gaveto da Praça Nova com os Loios ficava a Livraria Moré, propriedade do francês Nicolau Moré, que tinha vindo para o Porto para combater nas fileiras liberais. Era neste local que se reunia muita da elite portuense. Para além de Camilo, por lá passaram, entre outros, Eduardo Allen, Sampaio Bruno, Ricardo Severo, Arnaldo Gama, Júlio Dinis e Ramalho Ortigão (Sousa, 2017). Após a morte de Nicolau Moré, em 1861, a livraria e editora continuou com o nome de Viúva Moré, publicando um total de 21 títulos de Camilo, entre os quais: *Amor de perdição*, *Memórias do cárcere*, *Romance de um homem rico*, *Doze casamentos felizes*, *No Bom Jesus do Monte*, *A sereia*, *Vaidades irritadas e irritantes* e *O condenado* (Braga et al., 2017; Silva, 2017).

5. Antiga Academia Politécnica

No edifício atualmente ocupado pela Reitoria da Universidade do Porto, no tempo de Camilo, estava instalada a Academia Politécnica. Muito próximo, o corpo sul do Hospital de Santo António acolhia a Escola Médico-Cirúrgica. Em 1843, Camilo prestou provas de Gramática e Língua Latina, Gramática e Língua Francesa, Filosofia Racional e Moral no Liceu Nacional do Porto. Obtendo aprovação, inscreveu-se na Academia Politécnica e na Escola Médico-Cirúrgica. Aprovado a Química na Academia Politécnica, matriculou-se no 2.º ano de Medicina e em Botânica, mas perdeu o ano por faltas (Moutinho, 2009). A sua experiência de estudante é recordada, com alguma efabulação, em *A filha do doutor negro* (de 1864), *Cavar em ruínas* (1867), *O general Carlos Ribeiro* (1884) e *Serões de S. Miguel de Seide* (1885). Um episódio pouco conhecido da vida de Camilo Castelo Branco é o

⁸Após ter sido rei de Portugal por um breve período, D. Pedro tornou-se o primeiro imperador do Brasil.

facto de ele, em 1857, se ter candidatado a regente da recém-criada cadeira de Economia Política, na Academia Politécnica. Mas, também aqui, Camilo fracassou nos seus intentos (Cabral, 1988).

6. Antiga Cadeia da Relação do Porto

O edifício da Cadeia da Relação do Porto – que presentemente alberga o Centro Português de Fotografia – começou a erguer-se em 1765 e demorou vinte anos a concluir. Camilo esteve aqui preso por duas vezes, ambas por motivações amorosas. A primeira, em 1846, falsamente acusado pelo tio de lhe ter subtraído 20 mil cruzados, quando, na verdade, o objetivo do tio era pôr fim ao relacionamento amoroso de Camilo com Patrícia Emília de Barros. Catorze anos mais tarde, na sequência da ação judicial movida por Pinheiro Alves, Camilo voltou à Cadeia da Relação, desta vez com Ana Plácido (Braga et al., 2017).

Nas *Memórias do cárcere*, descreveu as duras condições da prisão: “Não estranhei o ar glacial e pestilento, nem as paredes pegajosas de humidade, nem as abóbodas profundas e esfumeadas dos corredores” (Castelo Branco, 2001, p. 89). Aqui conheceu personagens como António José Coutinho, falsificador de moedas – que inspirou Camilo no enredo de *O romance de um homem rico* –; José Maria de Sousa, o general “Caneta”, que recordará em *Maria da Fonte*, e o célebre salteador José do Telhado, que prometeu defendê-lo enquanto estivesse na prisão. Retribuindo o favor, Camilo partilhou com o salteador o seu advogado de defesa, Joaquim Marcelino de Matos, pai do conhecido médico psiquiatra Júlio de Matos (Cabral, 1988).

Aqui, supostamente em apenas quinze dias, escreveu o *Amor de perdição*, o livro mais popular de Camilo e o que mais traduções teve (Silva, 2017). Trata-se de uma biografia romanceada de Simão Botelho, seu tio paterno, que também estivera preso na Cadeia da Relação antes de ser degredado para a Índia (Braga et al., 2017).

A cadeia para ele é um gabinete de

trabalho e uma sala de visitas. Recebe muito e obtém licença especial para poder sair diariamente, durante algumas horas, ‘por motivos de saúde’. Levam-lhes álbuns para autografar, escreve para jornais do Porto sobre acontecimentos em Lisboa e para jornais de Lisboa sobre acontecimentos no Porto! Está bem informado. Joga o peso da sua influência com o peso das influências de ouro de Pinheiro Alves. Por duas vezes o visita D. Pedro V. (Moutinho, 2009, p. 145)

A cela ocupada por Camilo, no último andar do edifício da antiga Cadeia da Relação, está hoje preservada e devidamente assinalada.

7. Cemitério da Lapa

Este percurso literário termina no local onde repousam os restos mortais do escritor.

Em maio de 1890, Camilo escreveu ao oftalmologista Edmundo de Magalhães Machado, de Aveiro, pedindo-lhe que o viesse visitar a Seide, onde vivia com Ana Plácido e com quem havia finalmente casado dois anos antes. Rogou-lhe que o salvasse da cegueira iminente, mas o médico nada pôde fazer. Apercebendo-se da impossibilidade de uma cura e da marcha inexorável da cegueira, Camilo suicidou-se com um tiro na cabeça. Anos antes, em *O bem e o mal*, Camilo escrevera:

Pensou em se matar, como toda a gente, alguma vez, pensou em se matar, exceto os bons cristãos, os felizes e os tolos, que não são cristãos nem felizes, nem precisam ser senão tolos para viverem e até sobreviverem a si próprios. (Castelo Branco, 1983, p. 60)

Já em abril de 1888, receando que os seus inimigos desrespeitassem os seus restos mortais, Camilo escrevera ao amigo de longa data João António de Freitas Fortuna, pedindo-lhe que, depois

de morto, pudesse repousar no jazigo da família no Cemitério da Lapa: “desejo ser aí sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente em sua capela” (Castelo Branco citado por Braga et al., 2017, p. 71). Assim aconteceu. Curiosamente, Camilo acabou por ser sepultado a uma escassa dezena de metros da campa do seu rival Manuel Pinheiro Alves (Queiroz, 2000).

5. Considerações finais

Nos últimos anos, temos assistido a uma progressiva afirmação do turismo literário que encerra, ainda, um enorme potencial de crescimento. A cidade do Porto inspirou muitos escritores que nela nasceram ou nela se radicaram. Entre eles, merece destaque Camilo Castelo Branco, figura de valor inquestionável na literatura portuguesa que, para além de ter vivido parte significativa da sua vida no Porto, usou a cidade como palco principal da ação de muita da sua produção literária.

Este artigo teve como objetivo o levantamento dos locais mais representativos da permanência de Camilo no Porto e dos que serviram de cenário a alguns dos seus livros, com base nos quais se propôs um itinerário.

Procurou-se, também, uma (re)interpretação da cidade, ao cruzar o olhar do escritor sobre o Porto do século XIX com o olhar do visitante sobre o Porto de hoje, abrindo as portas a uma melhor compreensão da cidade, da sua identidade e memória.

Sendo uma temática ainda pouco explorada, o itinerário literário permite o aproveitamento de recursos da cultura local, despertando o interesse do turista com motivações de ordem literária (e não só), permitindo o aprofundar dos seus conhecimentos e a participação numa experiência diferente. Mas também valoriza a história e o património locais, assim como a língua e a literatura

portuguesas.

Por outro lado, a implementação prática deste itinerário propicia o estabelecimento de parcerias e a criação de sinergias locais, nomeadamente com a Câmara do Porto, o Centro Português de Fotografia, a Universidade do Porto e a Irmandade da Lapa, para além da própria Casa de Camilo e das entidades ligadas diretamente à promoção turística da cidade e da região.

Encerra, também, novas oportunidades de negócio. Desde logo, o desenvolvimento de empresas de animação turística que organizem regularmente visitas guiadas, tirando partido do itinerário agora proposto. Mas também a edição e comercialização das obras de Camilo Castelo Branco e de brindes alusivos ao escritor, a oferta de refeições de inspiração camiliana por parte de alguns restaurantes, a conceção de recriações históricas, de ações de animação de rua e de feiras oitocentistas com uma forte componente de artesanato local, apenas para citar alguns exemplos.

Tem, também, impactos positivos sobre a comunidade local, contribuindo para o desenvolvimento de dimensões de cidadania ativa, para o respeito pelo património cultural (material e imaterial) e para o fortalecimento do sentimento de pertença. Este itinerário pode ser ainda um instrumento de motivação para a leitura, nomeadamente para alunos nacionais dos ensinos básico e secundário, através da sua realização enquanto visita de estudo.

Por último, o modelo de investigação realizado poderá ser replicado para outros escritores cujas vidas e/ou obras tiveram como palco um dado lugar, permitindo diversificar a oferta turística desses territórios.

Referências

- Almeida, H. (1997). *Roteiro viagem às «Terras do Demo»: Itinerário aquilino*. Sindicato dos Professores da Região Centro, Centro de Estudos Aquilino Ribeiro.

- Azevedo, E. M. P., & Braga, Z. M. C. M. (1994). *Itinerários literários: Viajando pela literatura portuguesa*. ASA.
- Bairro dos Livros. (2021). *Eventos*. <http://bairrodoslivros.com/servicos/portfolio-eventos/>
- Bastos, A. M. (2010). *O Porto do Romantismo* (2.a ed.). Caminhos Romanos.
- Braga, J. P., Oliveira, J. M., & Sousa, S. G. (2017). *Famalicão - Porto: Roteiro literário camiliano*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Casa de Camilo - Centro de Estudos.
- British Tours. (2021). *London & private tours of England & Britain*. <https://www.britishtours.com/>
- Busby, G., & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. *Journal of Vacation Marketing*, 7(4), 316–332. <https://doi.org/10.1177/135676670100700403>
- Cabral, A. (1988). *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Editorial Caminho.
- Câmara Municipal de Famalicão. (2021). *Touring cultural e paisagístico: Rota camiliana*. <https://www.cm-vnfamalicao.pt/rota-camilo>
- Cardoso, A. (1997). *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no Norte do País na primeira metade do séc. XX* (2.a ed.). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Carmelo, L. (2014). *Évora: Um itinerário literário*. Createspace Independent Publishing Platform.
- Castelo Branco, C. (1879). *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. Livraria Internacional de Ernesto Chardron Editor.
- Castelo Branco, C. (1884). *O general Carlos Ribeiro: Recordações da mocidade*. Livraria Civilização. <http://www.gutenberg.org/files/25846/25846-h/25846-h.htm>
- Castelo Branco, C. (1886). *Bohemia do espirito*. Livraria Civilização.
- Castelo Branco, C. (1983). *O bem e o mal* (3.a ed.). Círculo de Leitores.
- Castelo Branco, C. (2001). *Memórias do cárcere*. Parceria António Maria Pereira Livraria Editora.
- Cisneros-Martínez, J. D., & Fernández-Morales, A. (2015). Cultural tourism as tourist segment for reducing seasonality in a coastal area: the case study of Andalusia. *Current Issues in Tourism*, 18(8), 765–784. <https://doi.org/10.1080/13683500.2013.861810>
- Correia Filho, J. (2011). *Lisboa em Pessoa: Guia turístico e literário da capital portuguesa*. Livros d'Hoje.
- Coutinho, F., & Faria, D. (2018). Turismo literário e soft power: uma análise a partir dos romances de Jane Austen. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1(27/28), 1117–1126. DOI: <https://doi.org/10.34624/rt.d.v1i27/28.9813>
- Daniel, D. M. V. (2018). Itinerários literários: Leituras e leitores de Camilo Castelo Branco, em particular Agustina Bessa-Luís. *Lugares e territórios: património, turismo sustentável, coesão territorial*, 33, 149–168.
- DGLAB. (2005). *Camilo Castelo Branco [Lisboa, 1825 - São Miguel de Ceide, Vila Nova de Famalicão, 1890]*. Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6374>
- Fédération des Maisons d'Écrivains & des Patrimoines Littéraires. (2022). *Voyages littéraires*. <https://litterature-lieux.com/fr/tourisme/voyage-litteraire>
- Ferreira, L., Aguiar, L., & Pinto, J. (2012). Turismo cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos. *CULTUR - Revista de Cultura e Turismo*, 6(2), 109–126. <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/287>
- Ferreira, M. do C. (2016). *Prontuário de toponímia portuguesa*. Edições Afrontamento.
- Figueira, L. M. (2013). *Manual para elaboração de roteiros de turismo cultural*. Instituto Politécnico de Tomar. http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPOGA2013.pdf
- Flores, C. (2015). Ana Plácido: Uma mulher à frente do seu tempo. *Revista Ártemis*, 19(1), 26–32. <https://doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v19n1p26-32>
- García-Hernández, M., de la Calle-Vaquero, M., & Yubero, C. (2017). Cultural heritage and urban tourism: Historic city centres under pressure. *Sustainability (Switzerland)*, 9(8). <https://doi.org/10.3390/su9081346>
- Gbliss. (2021). *Percursos culturais*. <https://www.gbliss.pt/percursos-culturais/>
- Gratton, C., & Richards, G. (1996). The economic context of cultural tourism. Em G. Richards (Ed.), *Cultural tourism in Europe* (pp. 71–86). CAB International.

- Herbert, D. (2001). Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 312–333.
- Hewison, R. (1987). *The heritage industry: Britain in a climate of decline*. Methuen.
- Hinsberg, A., Bærug, R., & Ambrozaitis, K. (2003). *Baltic cultural tourism policy paper*. <http://archive.ubc.net/files/756.doc>
- Hoppen, A. (2011). *Literary places & tourism: A study of visitors' motivations at the Daphne du Maurier Festival of Arts & Literature* [Bournemouth University]. https://www.academia.edu/4138112/Literary_Places_and_Tourism_-_A_study_of_visitors_motivations_at_the_Daphne_Du_Maurier_Festival_of_Arts_and_Literature
- ICOMOS. (1999). *Carta internacional sobre o turismo cultural*.
- ICOMOS. (2008). The ICOMOS Charter on Cultural Routes - Charte ICOMOS des Itinéraires Culturels. *16th General Assembly of ICOMOS, October 2007*, 1–11. <https://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7>
- Liberato, P., Sargo, S., & Liberato, D. (2021). Motivation, satisfaction, and experience evaluation in literary events: The literary festival «Correntes d'Escritas». *Journal of Tourism and Development*, 36(2), 329–345. <https://doi.org/10.34624/rtd.v36i2.24718>
- Lisboa Autêntica. (2022). *Passeios a pé*. <https://lisboaautentica.com/pt/visitas-guiadas>
- Lisbon Literary Tours. (2022). *Lisbon by the book*. <https://lisbonliterarytours.com/>
- Literary Traveler. (2020). *Literary traveler, literary tours, travel writing, travel literature*. <https://www.literarytraveler.com/>
- Lucas, I., & Alexandrino, P. (2000). *Viagens com Garrett*. Contexto.
- Matos, C. (1999). *Viagem no Portugal de Eça de Queiroz (Roteiro)*. Fundação Eça de Queiroz.
- McKercher, B., & du Cros, H. (2003). Testing a cultural tourism typology. *International Journal of Tourism Research*, 5(1), 45–58. <https://doi.org/10.1002/jtr.417>
- Mendes, M. C. G. (2007). *Na senda estética e poética dos itinerários turísticos e literários: O vale do Lima* [Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/4793>
- Moutinho, J. V. (2009). *Camilo Castelo Branco: Memórias fotobiográficas (1825-1890)*. Editorial Caminho.
- Office du Tourisme et des Congrès de Paris. (2021). *Guides thématiques*. <https://www.parisinfo.com/decouvrir-paris/guides-thematiques>
- Oliveira, J. M., & Castro, A. P. (2015). *Viajar com... Camilo Castelo Branco*. Opera Omnia.
- Oliveira, S. A. de A. (2017). *Um Porto de encontro entre turismo e literatura* [Universidade do Porto]. <https://hdl.handle.net/10216/108511>
- Page, S. J. (2014). *Tourism management: An introduction* (4th ed.). Routledge.
- Pereira, G. M. (2017). *Camilo, o Porto e o Douro*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Casa de Camilo - Centro de Estudos.
- Pereiro, X. (2002). Itinerários turístico-culturais: Análise de uma experiência na cidade de Chaves. *Actas do III Congresso de Trás-os-Montes*, 1–10. <http://repositorio.utad.pt/handle/10348/5453>
- Pinto, J. R. (2007). *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato urbano (1875-1900)*. Edições Afrontamento.
- Porto.pt. (2020). *No Bairro Rainha D. Leonor as ruas com números vão passar a ter nomes de escritores e poetas*. Porto.pt: o portal de notícias do Porto. <http://www.porto.pt/noticias/no-bairro-rainha-d--leonor-as-ruas-com-numeros-vao-passar-a-ter-nomes-de-escritores-e-poetas>
- Queiroz, F. (2000). *O cemitério da Lapa - The Lapa cemetery*. Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2017). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Centro de Estudos Comparatistas.
- Richards, G. (Ed.). (1996). *Cultural tourism in Europe*. CAB International.
- Richards, G. (Ed.). (2001). *Cultural attractions and European tourism*. CAB International / ATLAS.
- Richards, G. (2018). Cultural tourism: A review of recent research and trends. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 36, 12–21. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2018.03.005>
- Rocha, C., Costa, I., Castanheira, M., & Brás, P. (2019). *Porto, mapa do bairro: Guia literário da cidade* (2.a ed.). Bairro dos Livros.

- Silberberg, T. (1995). Cultural tourism and business opportunities for museums and heritage sites. *Tourism Management*, 16(5), 361–365. [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(95\)00039-Q](https://doi.org/10.1016/0261-5177(95)00039-Q)
- Silva, C. S. (2017). *Na rota de Camilo no Porto*. Cordão de Leitura.
- Simões, M. de L. N. (2004). Literatura, cultura e turismo: Consumo e cidadania. *Revista Espaço Acadêmico*, 37, 2003–2004. <http://www.uesc.br/icer/artigos/tica3.pdf>
- Sousa, M. de. (2017). *Porto d'Honra: Histórias, segredos e curiosidades da Invicta ao longo dos tempos*. A Esfera dos Livros.
- United Nations. (2010). *International recommendations for tourism statistics 2008*. United Nations UN-WTO.
- UNWTO. (2018). Report on tourism and culture synergies. Em *Tourism and Culture Synergies*. World Tourism Organization (UNWTO). <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284418978>
- UNWTO. (2020). *UNWTO World Tourism Barometer*. <https://doi.org/10.18111/wtobarometereng>
- Walton, J. K. (Ed.). (2005). *Histories of tourism: Representation, identity and conflict*. Channel View Publications.